ANO 8.º — Sexta-feira, 1 de Outubro de 1915 — NUMERO 390

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

(AVENÇA)

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões — AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Insistindo

Ha muito que uma misteriosa cornocopia, lá nos astros vem deixando caír sobre o país, ou antes, sobre nós todos, uma série de surprezas tão contraditorias nos seus efeitos e significados que perguntamos a nós mesmos se tudo isto não estará afectado dum grande mal que só um grande remedio possa cortar cérce, metendo no bom caminho e chamando á realidade aqueles que parecem apostados em perder tudo, que tanto nos custou, sem que uma mão energica e decidida evite e suspenda esta declinação para o abismo a que nos teem conduzido.

Falâmos sem pressões nem sectarismo porque não esmagâmos a nossa consciencia nem deprimimos a nossa razão, defendendo actos politicos que são erros, que são crimes, por simples... disciplina partidária.

Nunca nos submeteriamos a tal principio, que equivale ao aniquilamento do mais nobre sentimento humano—a liberdade de pensar!

Assim, aptos e habilitados nos encontramos para julgar, discutir e condenar qualquer resolução ou atitude, seja de quem fôr, venha de onde viér, com a qual os nossos sentimentos de pura democracia não concorde, as nossas convicções de republicanos desinteressados não aceite.

O que a titulo de defêsa da Republica se tem feito de 14 de Maio a esta parte suplanta todas as vergonhas porque temos passado, todos os erros que teem sido cometidos em nome das instituições. A separação dos funcionarios pelo processo que o país inteiro conhece é, porém, de tudo, o que mais intimamente nos tem revoltado. Mas se não concordâmos com ele, mais o detestâmos agora que vemos como se executa, mórmente dentro dos quarteis, onde nem os que tinham todo o direito de não serem atingidos escaparam á sanha dos inquesidores.

O que por aqui se passou está no espirito de todos.

Em Bragança, porém, chegou ao *non plus ultra* a distribuição *gratuita* das decantadas notas confidenciaes. Um major, chefe do proprio partido democratico local, foi tambem convidado a provar que não era... monarquico!

Mas emquanto isto se vai idiotamente revelando, no orgão mais radical desse partido, *O Mundo*, aparecem todos os dias protéstos contra nomeações e resoluções ministeriaes favorecendo reconhecidos inimigos do regimen em detrimento dos seus velhos e leaes servidores!

E' o Costa Gonçalves, socio da Juventude Catolica, que pretende estabelecer a devassa inquisitorial e o restabelecimento das ordens religiosas, feito sub-delegado da 1.ª vara do Porto; é a nomeação de individuos para tesoureiros das filiaes da Caixa Geral dos Depositos na mesma cidade com ofensa manifesta a dedicadissimos republicanos; é a nomeação, para as comissões de afastamento dos funcionarios desafectos ao regimen, de juizes que no tempo da ditadura a defenderam nos seus acordãos eleitoraes e de outros que ainda ha bem pouco sómente aderiram ou aceitaram as instituições vigentes, e, como remate, é a desmedida e escandalosa protecção dada aos miseraveis que a 27 de agosto ultimo pretenderam alterar de novo a ordem publica, lançando o país numa situação deprimente, vergonhosa ao ultimo ponto.

Vejâmos, por exemplo, alguns periodos duma carta que o *Mundo* publica, datada de Guimarães:

> Depois do que se tem dado nesta terra com respeito ao ultimo movimento monarquico, tendo as autoridades posto em liberdade conhecidos conspiradores, que nós sabemos de fonte autorisadissima estarem bastante comprometidos; depois de haver politicos que se interessam pela soltura de outros conspiradores, não menos comprometidos do que aqueles; depois de tantos favores dispensados a esses maus portuguêses que na célebre madrugada de 27 queriam liquidar quem não pensasse como eles; depois de alguns desses traidores monarquicos terem sido avisados para se pôrem em fuga, ainda ha uma autoridade que mande prender mais conspiradores?
>
> Ainda ha quem se dê a esse trabalho improficuo?
>
> Bem sabemos que essas prisões são efectuadas a requisição do sindicante do Porto, o sr. dr. Alves, mas crêmos que isso não obstará a que continuem a praticar-se crimes como estes:
>
> Costa Alemão, que levou a fome e a miseria á casa de muitas familias, gosou de todas as regalias desde que entrou na administração do concelho até que saíu para marchar para o Porto, de automovel. O favoritismo dispensado a este conspirador fez com que na noute de 15 para 16 o povo republicano desta terra, juntamente com os elementos civis, se reunissem no largo Francisco Ferrer, fronteiro á administração, para protestar contra o procedimento do administrador do concelho, Guilherme Rodrigues e vigiar a saída daquele conspirador. Mas o preso não saíu, e os protestantes depois de ser dia, debandaram não sem que houvésse manifestações com vivas á Republica, ao ex-administrador dr. Moreira Sampaio, de mistura com morras aos traidores.

Esta carta, não mostra só o estado da alma do seu autor, que se presente ser um bom, um dedicado republicano. Esta carta dá a nota da tristeza profunda que por toda a parte avassala o espirito dos verdadeiros republicanos.

Em Guimarães, Guilherme Rodrigues protegendo Costa Alemão, por aqui Barbosas de Magalhães protegendo monarquicos confessos, inimigos declarades da Republica!

Os republicanos que se bateram na revolução e implantaram o regimen do povo pelo povo, ficaram onde estavam—na rua. Mas nas repartições publicas lá estão os seus inimigos de sempre, servindo as suas conveniencias, cobertas com falsas adesões á nova fórma de govêrno e os poucos que existem de confiança a esses é que se lhes manda a circular vexatoria para ainda mais se aborrecerem com tanto disparate dos nossos governantes.

...Se isto não hade acabar!? Hade, sim, com um milhão de diabos.

"O Benaventense,,

Entrou no 19.º ano este nosso presado coléga da imprensa dirigido pelo velho republicano sr. Neves de Carvalho.

Com as nossas saudações o sincéro desejo de que continue uma vida prospera, desafogada.

Junta Geral do Distrito

Reuniu ontem em sessão extraordinaria a Junta Geral do distrito que resolveu, entre outros assuntos para que fôra convocada, nomear definitivamente chefe de secretaría o cidadão Paulo Guimarães, cargo que vinha exercendo, como interino, desde a constituição deste corpo administrativo.

O nosso director, por motivos ponderosos, não tomou assento na assembleia.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

5 de Outubro

A' data do aniversário da proclamação da Republica Portuguêsa junta-se este ano a posse do novo presidente eleito pelo Congresso, sr. dr. Bernardino Machado, uma das figuras de maior relêvo da democracía em quem o país tem fixas as suas atenções verdadeiramente esperançado numa era de paz de que tanto carece o regimen, ha cinco anos implantado com extraordinario sacrificio e não menos abnegação patriotica.

Que esse dia seja, pois, de duplicado jubilo pelo inicio de outros melhores que vão ser inaugurados—deixem-nos supo-lo assim — com a subida á alta magistratura da nação do velho e austero catedratico, dr. Bernardino Machado.

* * *

O 5 de Outubro será comemorado em Aveiro com um bôdo aos pobres e várias demonstrações festivas o mesmo sucedendo na proxima freguezia de Arada e outras localidades do distrito.

RAMALHO ORTIGÃO

Setenta e nove anos volvidos sobre a existencia deste consagrado artista da penna, e o telegrafo a comunicar-nos o falecimento do vigoroso panfletario das *Farpas* a quem se deve imenso como demolidor de preconceitos, investigador e critico de arte, pois deixa uma obra vasta em qualquer dos campos onde a sua poderosa inteligencia exerceu acção dominadora, cheia de prestigio, incomparavelmente grande, muito embora haja quem tenha opinião diferente.

Ramalho, em cujo espirito se arreigaram nos ultimos tempos fundas tendencias religiosas, morreu, dizem os jórnaes, confortado com todos os sacramentos da igreja, indo a obsecação do eminente escritor até ao ponto de pedir que lhe envergassem, depois da morte, o habito de S. Bento com que desejava ir para a sepultura.

Foi-lhe feita a ultima vontade e, cumpridos os preceitos da liturgia romana, desapareceu do mundo, deixando na literatura portuguêsa um vácuo profundo, dificil de preencher.

Paz á sua alma.

Esclarecendo

E' com esta epigrafe que o nosso coléga o *Mundo* encima as palavras com que justifica a inércia do ministro da justiça perante a investidura do sr. Carlos Gonçalves, conhecido monarquico e socio da Juventude Catolica que tem por divisa—*Deus e Rei*—no cargo de sub-delegado da 1.ª vara, no Porto.

Explicando o caso, diz aquele diario lisbonense que nada póde fazer-se porque *tal nomeação foi feita no tempo da ditadura*, e por isso está isento de responsabilidades o atual ministro.

Pelo que vemos o *Mundo* não conhece um caso aqui passado em igualdade de circunstancias e de que resultou precisamente o contrário: o mesmo ministro da justiça, que nada póde fazer para afastar do logar de sub-delegado o monarquico Carlos Gonçalves, demitiu, sem relutancia, um cidadão nomeado oficial de deligencias da comarca de Aveiro no tempo da ditadura, argumento que serviu para ser dado o logar a outro individuo protegido por um fogoso orador de comicios realengos e pelo sr. Barbosa de Magalhães, tambem ex e futuro ministro da justiça, que o recomendou ao atual titular desta pasta!

Ora aí tem o *Mundo* um caso que se não compreende de fórma alguma: o ministro hoje não póde demitir um sub-delegado monarquico porque foi nomeado pela ditadura, mas póde demitir um oficial de diligencias justamente... porque foi nomeado pela mesma ditadura! Emfim: são problemas cuja resolução só compreendem os altos espiritos e os *velhos* correligionarios do sr. ministro, que assim o convenceram e a isso o levaram.

Mas se ha aí algum interessado pelo logar de Carlos Gonçalves, dirija-se ao *democratico* Barbosa de Magalhães, que, num pronto, conseguirá tudo quanto queira.

Os mesmissimos processos usados por o ex e futuro ministro republicano nos tempos idos do progressismo, do teixeirismo, da dissidencia como ámanhã do miguelismo, se fosse cousa susceptivel de ser restaurado em Portugal.

E prova-lo-ía como o *conselheiro Acacio*, exclamando na devida oportunidade: *foi um papel dificil, foi, na verdade, mas sustentei-o com firmeza*...

Do tempo de Pina Manique, pois então!...

Pelos campos da instrução

Como o prometido é devido, prosseguimos hoje nas considerações que nos sugere a lei orçamental do Ministério da Instrução, publicada no *Diário do Govêrno* de 9 de setembro. Mas antes diremos que haviamos escolhido para título dêstes nossos considerandos, o seguinte: — *Pelos campos estéreis da instrução fecunda*. Ora, como quere que semelhante legenda a muitos pudesse parecer paradoxal, démos, com um traço, remédio á esterilidade dos campos que, a bem dizer, não passam de metafóricos, e com a mesma receita procurámos absternos de perturbar a prolificação de tam benemérita matrona.

Roçámos suavemente com o *blaireau* da nossa pseudòcrítica a cútis veludínea do famoso art.º 35.º que, com a preventiva e valiosa intenção de garantir a autenticidade dos livros aprovados para o ensino, sôbrecarrega os livreiros com meio tostão (medida velha), que não póde influir no preço de cada volume que será fixado (medida nova) em diploma especial.

Esta disposição abrange, como acentuámos, todos os livros de ensino aprovados, não sendo lícito pensar, sem embargo de todo o absurdo, que os compêndios de instrução primária fôssem excepção, pois a lei não faz restrições. Fizemos até particular referência a livros de escrita *aprovados* que tendo-se vendido até aqui a 30 centavos cada um, teriam de continuar a ser vendidos pelo mesmo preço aos que dêles necessitassem, recebendo, no entanto, o Estado 50 centavos de sêlo branco por cada um!

Se acham que é de pasmar, a verdade é que conclusão em contrário se não podia admitir em face da lei.

Pois bem: êsse imposto, acabâmos agora de sabê-lo, não incidirá sôbre os livros de instrução primária, mas tam sómente sôbre os de instrução secundária e superior.

Amanhã virá o govêrno a decidir que não incida sôbre livro algum, o que seria lógico, visto a notícia já lançada da isenção concedida aos livros e cadernos ou cadernetas aprovados para o 1.º e 2.º grau.

Mas já que falámos de cadernos, e nem o tempo nem o espaço nos abunda hoje, falaremos no próximo numero da exigência de novos e mais caros cadernos escolares aos estudantes liceais que já os teem, excepção feita dos felizardos que podem empavesar-se com a posse, muito bem conquistada, não diremos o contrário, dum documento comprovativo de aprovação na 1.ª sessão do curso geral. Estes podem continuar com o primitivo caderno escolar; os outros não; hão de atirar o que teem para um canto, e adquirir outro que custa aos pais 30 centavos que melhor emprêgo podiam ter.

E' um luxo que até mete retrato para alunos e alunas do curso de instrução secundária que sigam o ensino particular ou doméstico.

Valha-nos Deus! Que nós, graças a Deus, somos ateu, como dizia o Manuel Moreira no seu papel do Neófito.

A *Kultur* portuguêsa, a *Kultur* dos nossos *culteranistas*!...

QUE HAVERIA?

Por motivos que desconhecemos, foram agora dispensados os serviços do mestre de obras da Barra, Alfredo Manso Preto, contra quem a imprensa local algumas vezes formulou queixas gràves, dando logar a várias sindicancias, que só serviam para encher de mais força o atingido, sempre risonho em presença dos seus acusadores.

Quando se desvendar o mistério, falaremos.

OPINIÕES DE RAMALHO ORTIGÃO

Não duvidamos de que o cristianismo possa ainda reassumir o seu antigo papel de sancionador supremo de todas as grandes e definitivas conquistas do entendimento humano. O que é certo, porém, é que a direcção reaccionaria que ele tem recebido do pontificado romano desde a Reforma até hoje o inhabilita presentemente para realizar essa aspiração de todas as almas piedosas. Ou o Estado sustenta o padre ou sustenta o mestre. Constituir-se o defensor simultaneo desses dois interesses é impossivel.

* * *

A Republica é o govêrno do povo pelos seus mandatarios eleitos, tendo por chefe do poder executivo um presidente eleito.

... Quando a dinastia cáe, desaparecendo ou cortando-se a tradição, como em França e em Hespanha, nada mais perigoso do que suscitar ruins ambições, chamando um principe para cabide de uma corôa. Neste caso, o unico sistema que não oferece gravissimos perigos e grandes complicações intestinas e internacionaes é a Republica. Ter a monarquia com todos os foros democraticos e derriba-la por um escrupulo de nome é grande imprudencia. Não ter a monarquia e tentar reconstitui-la sobre a cabeça do primeiro forasteiro é falta de valor e juizo para governar.

* * *

A Republica tem sobre a monarquia uma poderosa vantagem, a qual ordinariamente se lhe atribue como o seu maior defeito: a Republica suscita as grandes ambições, que o constitucionalismo restringe e até certo ponto evita. Ora é exactamente nas grandes ambições que se geram as grandes capacidades.

* * *

O nosso profundo mal está na nossa profunda indiferença. Aos que ignoram os perigos desta enfermidade social lembraremos que quando Napoleão desembarcou no golfo Juan não foi a força dos que o defendiam que o reconduziu ao trono, foi a inercia dos que o não atacaram. Ora as apatias, querido leitor sensato, curam-se pelos processos reconstituintes. Os meios revulsivos agravam a prostração e produzem o desfalecimento e a morte.

* * *

Ter sobre um principio vital de governação ou de politica uma opinião firme, convicta, inabalavel, é possuir, ao mesmo tempo e por esse simples facto, a força com que essa opinião se defende e se mantém. Não ter opinião ou ter uma opinião oscilante e mutavel é comprometer inteiramente os principios pela falta de virtude. Porque sem virtude não poderá nunca existir a democracia.

* * *

Querem manter a ordem? Aqui teem um meio bem simples, bem pronto: deixem de manter os abusos. Querem governar bem? Lembrem-se que dizia Washington: A probidade é a melhor politica.

* * *

E' das profundidades demagogicas que sáem sempre á periferia social os tiranos. Já Aristoteles dizia que o despota começa no demagogo.

Assombroso!

—=(*)=—

Com este sugestivo titulo o nosso colega *O Radical*, de Oliveira de Azemeis, publicou o seguinte:

«Causou a maior surpresa na vila e a mais justificada indignação entre os republicanos, a noticia que á chegada dos jornais do Porto começou a correr, da nomeação de um monarquico para o logar de oficial de diligencias do 3.º oficio desta comarca.

Tal nomeação representa uma verdadeira afronta aos republicanos da vila e principalmente á comissão municipal do partido republicano português, que havia feito a indicação de um individuo da sua confiança.

Queremos crêr que nenhuma das pessoas que tem intervindo no caso por parte dos republicanos da vila, entrasse na cilada, porque nos repugna acreditar que houvésse alguem capaz de traição tão vil.

Por agora, só queremos frisár que tratando-se atualmente de conhecer os funcionarios publicos que hostilisam a Republica para serem expulsos dos seus logares, se façam nomeações sem se procurar saber da idoneidade politica das pessoas sobre quem élas recaíem.

Isto é que é extranho e incompreensivel!

A comissão politica do partido republicano português, ao ter conhecimento de tal nomeação, telegrafou ao Directorio lavrando o seu mais inergico protesto.

Certos de que a afronta que todos os republicanos da vila acabam de sofrer, de maneira tão abrupta e inexplicavel, hade ser vingada, reservamos para a ocasião oportuna os comentarios que temos a fazer ácêrca da nomeação do oficial de diligencias para esta comarca.»

Subordinado á epigrafe de —*Nomeação*—outro jornal da mesma localidade, *A Opinião*, referindo-se tambem ao caso, diz:

«Por despacho do ministério da justiça foi nomeado oficial do 3.º oficio do juizo de direito desta comarca o sr. José Antonio Esteves.

Não percebemos nada, mesmo coisa nenhuma...

A comissão politica cá do bairro reuniu, examinou as qualidades e as aptidões dos pretendentes, discutiu e fez escolha, deu a maxima publicidade á sua deliberação e, quando os amigos ainda tinham as mãos a ferver dos cumprimentos feitos ao suposto agraciado, rebentou o despacho surpresa, colocando na vaga um dos concorrentes que nada esperava dos arbitros do emprego e que até—*segun se cuenta*—lhes não é *persona grata*.

E digam agora os sabios na escritura
Que segredos são estes da natura.»

Estávamos tambem sem perceber nada de todo este imbroglio quando, terça-feira, abrindo o *Janeiro*, se nos depára o epilogo da cêna nesta meia duzia de linhas apenas:

«Por falta de documentos legaes, foi anulada a nomeação de Jose Antonio Esteves Junior, para oficial de diligencias do 3.º oficio do juizo de direito de Oliveira de Azemeis.»

Eureka! Eureka! E as más linguas a badalarem que andava moiro na costa, que o sr. Barbosa de Magalhães não tinha feito caso da indicação das comissões, protelando o despacho da pessoa que lhe haviam apontado, que, emfim, os politicos de Oliveira de Azemeis estavam com ele de candeias ás avessas... quando afinal o culpado não era ele, mas sim o ministro que nomeou o Esteves sem os precisos documentos legaes!...

Já lá viram um disparate assim, que tão prejudicial podia ser para o prestigio do *faz tudo* democratico?...

EIS AQUI...

OS BARRIGUISTAS ao serviço da Republica

...o sr. Acacio Rosa não votou o nome do sr. dr. Barbosa de Magalhães em Aveiro porque esse voto seria inutil visto como o ilustre deputado se propunha por Oliveira de Azemeis. Votou o do dr. João Elisio Sucêna em sua substituição, e votou-o por si e pelos seus amigos, que os tem em numero e qualidade. Votou e fez votar **em republicanos,** tendo muito antecipadamente oferecido ao sr. dr. Barbosa de Magalhães, que muito aprecia as suas qualidades de caracter, de trabalho e de inteligencia, o seu inquestionavel valor politico na sua terra.

O sr. Acacio Rosa é, de facto, um amigo e um admirador do sr. dr. Barbosa de Magalhães. Está, por simpatia, ao seu lado. Votou dois dos nomes da lista da sua indicação, e um da sua escolha pessoal, **mas republicano.**

Póde alegar-se em seu desfavor quanto á má indole apraza. A verdade é que á frente do Govêrno Civil está um homem de inteiro bem, que não procederá por simples indicações, neste ou em casos semelhantes.

O sr. dr. Eugenio Ribeiro sabe bem que daqui se lhe fala a lingua da verdade e é absolutamente incapaz de se deixar seduzir pelo canto da sereia.

(*Campeão das Provincias*, de 18 de Setembro de 1915.)

EL-REI EM AVEIRO

«Por um acaso bem triste, por uma tragedia imensa que **mãos infames** efectuaram naquela tarde sinistra do Terreiro do Paço; quem ainda ha poucos mezes era apenas infante D. Manuel é hoje rei, representante legitimo da dinastia de Bragança e, por cérto, **um digno continuador das gloriosas tradições da monarquia Portuguêsa.** Não saudâmos, por isso, sómente a sua juventude e a sua bondade ainda sob o pêso amargurado de uma grande dôr, mas, mais do que isso, saudâmos essa força que simbolisa a sua missão escabrosa, essa altissima responsabilidade de ocupar um trôno de fórma a tornar feliz a patria que é de nós todos e o povo que sômos nós mesmo.

Sômos monarquicos por convicção inabalavel porque temos um culto especial pelas glorias da nossa historia, quer ela se desenrole por entre as fragas dos Herminios, quer se estenda através dos mares na epopeia audaz dos nossos descobrimentos ou das nossas lutas com o gentio.

Não nos amedrontam, pois, os silvos da serpente que ainda ontem levantou a cabeça fazendo baquear traiçoeiramente no tumulo um rei bom e um principe sem mácula.

Alguns seculos de historia são garantia do sistêma monarquico e, por isso mesmo, da nossa independencia. Os partidos politicos em Portugal é que muitas vezes teem animado a onda demagogica, e por isso ela se levanta espumando sangue e perturbando o crédito da nação. Felizmente, nem todos atribuem ás fórmas de govêrno os erros economicos dos partidos existentes, e assim a monarquia é entre nós um principio dominante.

Todos nós sabemos que a França, que é republicana, não é mais liberal do que a Inglaterra, que é monarquica. Sabemos ainda que os Estados-Unidos, a Argentina, a Guatemala, o Haiti, todas as republicas americanas, não são mais liberaes do que a Belgica, a Italia e todas as monarquias da Europa. A viagem de Sua Magestade ás terras do norte deve ter feito compreender que o país não está republicanisado. **O lealismo monarquico é um facto incontroverso,** e por isso o que nos falta é a união partidaria, a união sincéra de todos os elementos que pugnam pelo regimen e, por isso mesmo, pelo bom nome e pela autonomia da nação. O que é necessário é que nos defendâmos e nos ajudêmos uns aos outros no principio comum **que sintetisa a nossa fé monarquica,** embora se mantenham as divergencias nos procéssos de administração politica.

Luiz XVI dá-nos um exemplo que convém meditar. O rei, que tão popular se tornou pelas suas reformas, que convocou os Estados geraes em 1789, caíu e morreu no cadafalso, porque não só se não defendeu mas até não permitiu que o defendessem. Não se afogou numa onda da alma popular. Afogou-se, sim, na onda demagogica da rua, que visava apenas uma substituição ministerial com a reintegração de Roland, como queriam os Girondinos, ou uma regencia do duque d'Orleans como queria Marat.

A propria Assembleia legislativa, que um mez antes tinha jurado pelo rei contra a republica, só por falta de coragem e decisão de Luiz XVI e de alguns dos seus ministros é que decretou a suspensão do poder real. Basta dizer-se que o movimento tanto não era a vontade da nação, que dos 749 membros, de que se compunha essa Assembleia de 10 de agosto, só compareceram 282.

Quando em 20 de julho as Tulherias foram invadidas pelos demagogos e o proprio rei obrigado a pôr o barrete frigio na cabeça, se então não fossem repelidos os serviços de Lafayette, talvez se não désse a nova e trágica invasão de 10 de agosto.

Nesta data as tropas reagiram e obrigaram os revolucionarios a retirar cheios de pavor, mas uma ordem do rei para que não houvésse sangue anima-os a voltarem, sendo então monstruoso o morticinio.

Póde, por isso e por muito mais que agora nos ocorre, mas que não podemos dizer no limitado espaço de que dispômos, póde, dizemos, atribuir-se o despotismo que então se desenvolveu em França e que levou o rei ao cadafalso, à indecisão e á fraqueza do proprio rei. Ele proprio se afogou na onda rubra da anarquia, néssa onda da historia de França que oferece aos nossos homens publicos altos exemplos e altas lições para que nos defendâmos. O nosso governo atual, com essa tibieza irritante que tanto o tem caraterisado desde a tragedia de fevereiro, já teve ocasião de mostrar que seria bem melhor outro caminho.

El-Rei D. Manuel é quasi uma creança. Quereriamos saudar a sua mocidade na plenitude de uma paz que fortalecesse o seu espirito e que o guiasse como uma estrela de amor e de esperanças.

A fatalidade, porém, tem as suas leis e, portanto, já que não podemos quebrar essas tampas de cristal de S. Vicente e restituir á vida o vulto nobre de D. Carlos e o vulto não menos nobre e querido de D. Luiz Filipe, ao menos que possamos dizer como se diz na velha terra gaulesa:—*Le roi est mort, vive le roi.*

A Europa é profundamente monarquica. A propria França, se é hoje uma republica, talvez deva essa fórma de governo ao desinteresse e ao patriotismo do conde de Chambord.

E' costume dizer-se que o presidente duma republica fica mais barato á nação do que o rei. Na chamada lista civil assim será, mas quanto custa a eleição dum presidente? Não terão as republicas as mesmas despêsas de representação? Além disso, os filhos do presidente não procurarão logares que lhes garantam uma posição inherente ao alto cargo do seu chefe de familia? E depois de um largo espaço de tempo, quando se tivérem sucedido uns aos outros os presidentes, não serão esses altos funcionarios bem mais caros á nação do que a familia real?

Se argumentam com abusos, não os haverá nas republicas?

Não os haverá em França, onde sangra ainda a questão do Panamá? Não os haverá nos Estados-Unidos, em todas as republicas americanas onde a autoridade do presidente chega a ser tudo o que ha de mais ditatorial?

Serão mais felizes as republicas no modo como nelas se faz economia e se trata de finanças? Em 1876 a despêsa publica em França era de 514:000 contos; hoje aumentou em mais de 200:000 contos. Em 1840, a divida estava extinta nos Estados-Unidos; em 1874 orçava a divida por 2 milhares e 431 milhões de dollars. Em 1873 havia em França funcionarios que custavam 245 milhões de francos, e em 1896 custavam 627 milhões.

A revolução de 1820 foi em Portugal quasi que a implantação duma republica, embora sob a fórma monarquica. São desta opinião quasi todos os republicanos, mas que lucramos com ela? Perdemos o Brazil. Com a proclamação da republica **que lucrariamos nós hoje? O triunfo da anarquia e a perda inevitavel de algumas, senão de todas as nossas colonias.**

Mas... vejâmos ainda o que tem custado á França o regimen republicano.

Em 1792 proclama-se a republica. O partido revolucionario, porém, tem de passar o poder ao Directorio e depois á monarquia imperialista de Bonaparte. Em 1830 caíu Carlos X, mas pouco depois foi o poder entregue á monarquia liberal de Luiz Filipe. Em 1848 ha novamente um govêrno republicano, que terminou pelo golpe de Estado de Napoleão em 1851.

Em 1870 proclama-se a terceira republica, que foi mantida pelos partidos monarquicos e que caíria em 1873 se o conde Chambord quizésse restaurar a monarquia.

Pelas lições que todos nós recebemos da historia, **lições que valem bem mais do que a propaganda declamadora dos demagogos,** vê-se bem quanto foi leal á monarquia e á patria esse honradissimo lutador dos nossos tempos, que nas horas agitadas que se seguiram à tragedia de 1 de fevereiro ainda soube fazer a proclamação de El-Rei D. Manuel, impondo-o ao respeito das turbas e salvando a nação duma calamidade ingente.

Vâmos hoje vêr esse rei e saúda-lo. **Como dissémos, não saúdamos sómente a sua mocidade e a sua desgraça. Saúdamos a monarquia,** saúdamos a patria portuguêsa.

Acacio Rosa

Comentarios? Para quê se a prosa do sr. Acacio Rosa, inspirada pelos seus sentimentos monarquicos, pelo seu amor á Patria e ao rei deposto, diz tudo?

Além disso é um aliado, um correligionario do sr. Barbosa de Magalhães e quando nós vêmos juntarem-se elementos tão homogeneos, tão extravagantes e avariados, para defêsa duma causa de que ontem eram adversários—pescadores emeritos de aguas turvas!—dá-nos vontade de tudo menos de arriscar uma penada que porventura lhes possa ofender o incomensuravel bôjo.

Escola Secundaria de Comercio

Após o melhor resultado nos exames oficiais deste ano acaba de instalar-se num esplendido edificio da rua Fernandes Tomás, esquina da rua Bonjardim, este conhecido estabelecimento de ensino, que de ano para ano vem firmando os seus creditos de colégio moderno, onde o ensino é cuidado e ministrado por processos intuitivos e faceis.

Dotado de material esplendido, inteiramente novo, e instalado num edificio acabado de construir, amplo, higienico, cheio de ar e luz, a Escola Secundaria de Comercio, entra no corrente ano numa nova fase do seu desenvolvimento que hade fazer dela uma das mais importantes da especialidade e a preferida por quem especialmente deseje seus filhos, não só instruidos, mas tambem educados.

O resultado dos exames no corrente ano lectivo foi o mais lisongeiro, pois de 27 *exames efectuados nas escolas oficiais*, só teve uma reprovação, alcançando a maioria dos alunos, 14 e 15 valores.

Colégio essencialmente economico, onde não ha despezas de extraordinarios e limitando-se as mensalidades a pouco mais da pensão, 15$00 e aulas, 4 a 6 escudos mensais conforme o numero de disciplinas, é todavia de todos os que conhecemos o que fornece melhor alimentação aos seus alunos e onde eles são tratados com carinhos verdadeiramente paternais.

Aos nossos leitores recomendâmos este estabelecimento, na certeza de que não se arrependerão de preferi-lo.

TRISTE NOTICIA

Os expedicionarios que ultimamente chegaram de Africa foram portadores duma má nova que cobre de luto a familia do negociante local sr. Francisco Meireles.

Naquelas longiquas paragens deixou de existir, vitimado pelas febres, um dos seus filhos, Eduardo Augusto Meireles, de 19 anos, o qual fazia parte do batalhão de infanteria 14 em que se havia alistado como voluntario, partindo conjuntamente com a expedição destinada a vingar o desastre das tropas portuguêsas em Naulila.

Sentimos.

Notas mundanas

Com curta demora esteve esta semana em Aveiro o nosso conterraneo e amigo, considerado clinico lisbonense, dr. Antonio Leitão.

✣ *Tambem, de passagem, aqui veio o sr. Manuel Dias dos Santos, proprietario duma das mais conceituadas ourivesarias de Valença.*

✣ *Acentuam-se as melhoras do sr. João da Maia, vitima do desastre sucedido no estabelecimento do sr. Domingos Leite a que nos referimos no ultimo numero deste jornal.*

✣ *Com sua familia está na Costa Nova o sr. José Tavares Lavoura, recentemente chegado dos E. U. do Brazil á sua casa de Travassô e a quem nos foi grato conhecer na terça-feira, em que visitou o* Democrata, *gentilêsa que muito lhe agradecemos.*

✣ *Consorciou-se com o sr. Luiz Candido Mourão de Mendonça Corte-Real, empregado na* Vacuum Oil Company, *a sr.ª D. Matilde Maria do Pilar Portugal de Barros Pereira Campos, filha do industrial, sr. Domingos Pereira Campos.*

✣ *Com a sr. D. Izolina Alice Dias, interessante filha do sr. Manuel Lourenço Dias, tambem ante-ontem se uniu pelos laços do matrimonio, o sr. Avelino Augusto de Quadros Corte-Real, activo comerciante na cidade do Rio de Janeiro, E. U. do Brazil.*

Testemunharam o acto civil o vice-almirante Francisco José Fernandes Panêma e sua esposa, D. Lesinda Pereira Panêma, moradores na capital federal, representados pelo sr. Alexandre dos Prazeres Rodrigues e sua esposa D. Zelinda Ferreira Dias Rodrigues e Jaime Euclides Dias e D. Claudemira Ferreira Dias.

Aos noivos, desejâmos todas as venturas de que são dignos.

✣ *Adoeceu na Costa Nova o sr. Antonio Brito Pereira de Rezende, não inspirando, contudo, o seu estado gravidade de maior.*

✣ *Daquela praia chegaram já a esta cidade, com suas familias, os srs. Domingos Cerqueira, Manuel José da Cruz, Luiz Moraes, Inacio Cunha e a sr.ª D. Rosalina Alves Fontes.*

✣ *Tambem de ali retiraram para as suas casas de Vagos os srs. Eugenio Ferreira da Encarnação e Andrade Sampaio; para Ilhavo os srs. José Vaz e Eduardo Ançã; para Monchique, o sr. José Guerra; para Fafe o sr. João de Oliveira Fráde e para Lisboa o sr. Albano de Carvalho que daquela aprazivel praia leva as mais gratas impressões.*

✣ *Regressou da sua veligiatura pelo norte do país, acompanhado de sua esposa, o abalisado clinico aveirense, sr. dr. Armando da Cunha.*

✣ *Matrimoniou-se egualmente com a simpatica ilhavense, Raquel da Graça Cézar Ferreira, filha do sr. João Reinaldo Cézar Ferreira, capitalista. o sr. José Celestino Regala, engenheiro director das Obras da Barra e Ria de Aveiro.*

Os noivos partiram em seguida ao acto nupcial, de automovel, para o Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

✣ *Fez anos o ilustre Senador dr. Simão José, pelo que o felicitâmos.*

Um fiasco

—=(*)=—

E' elevado a central o liceu désta cidade, mas a câmara não se acha habilitada para a despêsa correlativa

No *Diario do Govêrno*, 1.ª série, do dia 24 de setembro findo, vem publicado o decreto sobre a elevação a central do liceu de Aveiro, que diz assim:

Em nome da Nação, o Congresso da República decreta, e eu promulgo, a lei seguinte:

Artigo 1.º—São elevados a Liceus Nacionais Centrais os Liceus Nacionais de Aveiro e Beja.

Art. 2.º—Os quadros do pessoal docente e menor serão os designados no artigo 8.º do decreto de 29 de Agosto de 1905 e no artigo 16.º do decreto de 22 de Dezembro de 1894.

Art. 3.º—A presente lei não terá execução sem que a Câmara Municipal de Aveiro, por si só ou associada a algumas do distrito, e a Junta Geral do Distrito de Beja se responsabilizem perante o Govêrno, em fórma legal, pelo aumento de despesa resultante desta lei.

Art. 4.º—Emquanto se não cumprir o disposto no artigo anterior, professores e empregados menores dos Liceus de Aveiro e Beja continuarão a perceber os vencimentos que atualmente teem.

Art. 5.º—Fica revogada a legislação em contrário.

O Ministro de Instrucção Pública a faça imprimir, publicar e correr. Dada nos Paços do Govêrno da República, e publicada em *24 de Setembro de 1915.—Joaquim Teófilo Braga—João Lopes da Silva Martins Junior.*

Não sabemos, nem isso é coisa que possa assaz preocupar-nos, o que vai pelas outras partes com respeito a fundos para satisfazer aos encargos a que o govêrno obriga as corporações administrativas que lhe solicitam mudança de categoria dos liceus porque se interessam, mas se todas fizésem como a câmara de Aveiro está-nos a parecer que fiasco maior jámais o sr. Ministro da Instrucção tería ensejo de presenciar. Porque, o caso é este: a municipalidade de Aveiro pedindo, solicitando, nas condições em que o fez, a elevação a central do liceu, devia ter tudo preparado para demonstrar não só ao govêrno, mas tambem ao publico, em geral, que estava realmente habilitada a dotar a cidade com esse beneficio, velha aspiração de todos nós, com o qual tanto se tem explorado desde os ominosos tempos da monarquia, e que os seus intuitos, portanto, não deviam ser desvirtuados muito embora o orgão da Vera-Cruz grávemente os afectasse com os seus constantes elogios ao deputado incumbido de tratar do assunto—o sr. Barbosa de Magalhães.

Não se dando essa circunstancia, ipso-facto se demonstra a conivencia da câmara que, ainda queremos crêr fôsse de boa fé, no ludibrio adrede preparado para conveniencias que não é dificil descortinar desde que se saiba que o chefe de secretaria municipal tem um filho que acabou o 5.º ano do curso dos liceus, ludibrio tanto mais revoltante quanto é certo partir dos mesmos tipos cuja vida politica é um estendal de miserias, continuado agora, *bras dessus, bras desssus*, com o grupo *democratico* a que se encostaram apezar da sua dedicação á realeza publicamente vista e patenteada *no decano* dos camaleões incorrigiveis.

E' vêr a enfase com que eles dizem—*Está cumprida a missão que nos impozémos: prestar á cidade e ao distrito o serviço que aquela lei traduz.*

Mas que serviço? Encravar a câmara por fórma a darnos a impressão de ter comprado um burro sem saber de onde lhe havia de vir o sustento, a palha para o alimentar? Se isso é um bom serviço então fica a perder de vista aquele outro prestado á Povoa do Varzim com a concessão de 4 contos para aliviar a câmara das despêsas que lhe acarreta a manutenção do liceu nacional.

Para encurtar razões: a historia do liceu de Aveiro não passou dum baixo expediente de que se serviu a gente camaleonacea da Vera-Cruz para interesseiros fins, se bem que désta vez desprovido de exito por ter esbarrado nas mesmas causas que levaram outras edilidades a desinteressarem-se da ideia.

Só lamentâmos, por uma questão de dignidade, que da mesma sorte não tivéssem procedido os atuaes representantes do concelho, mostrando-se criteriosos e ponderados afim de evitarem um tão grande fiasco como o que acaba de dar-se com a elevação do liceu a central, em que tanto fez como nada.

A GUERRA

—=(*)=—

A proposito déssa tempestade de fogo e ferro, que na Europa se desencadeou um dos mais abalisados criticos militares, entre outras considerações, escreve:

Na campanha da Russia a estrategia alemã mostrou de novo em 1915 toda a sua admiravel força de concepção, de organisação e de execução. O duplo envolvimento dos exercitos russos sobre uma linha de mais de mil e quinhentos kilometros de extensão ultrapassa tudo o que se tinha concebido até aqui e causa a mais justificada estupefacção. Mas uma coisa ha de mais admiravel ainda: é a fórma como os russos, quasi sem munições e sem caminhos de ferro, conseguiram escapar a esse cêrco monumental, inutilisando assim o plano alemão de 1915 como a batalha do Marne inutilizára o de 1914. A' hora em que escrevo já não póde haver duvida de que os exercitos russos estão salvos e que a manobra alemã falhou completamente apezar da maravilhosa mestria com que foi executada. Os exercitos germanicos reocuparam Galitzia, apoderaram-se de Varsovia e de toda a Polonia ao preço de enormes sacrificios e de perdas cada vez mais irreparaveis. O sucesso moral é incontestavel, mas os resultados são nulos. Os russos, abrigados nas suas linhas de defêsa interiores, pódem esperar tranquilamente as munições e o material de guerra que lhes são indispensaveis para retomar a ofensiva e que o Japão e a America já começaram a fornecer-lhe. Entretanto a ofensiva italiana e as operações dos aliados nos Dardanelos acentuam-se, a Inglaterra desembarcou em França muitas dezenas de milhares de homens e estes dois países organizaram a sua mobilisação industrial para a produção de munições. Ao passo que os recursos e as forças dos imperios do centro diminuem todos os dias, os recursos e as forças dos aliados aumentam progressivamente de tal fórma que dentro em pouco a Austria e a Alemanha vão encontrar-se em condições de manifesta inferioridade. As potencias do centro teem feito a *guerra do espaço*; os aliados fazem a *guerra do tempo*. Tendo falhado sucessivamente os seus planos de 1914 e de 1915, a vitoria da Alemanha é inteiramente impossivel. Só lhe resta agora resistir e é natural que durante essa resistencia gigantesca nós assistâmos ainda a espantosas manifestações da sua força imensa. Não duvido que a sua agonia atinja proporções titanicas, mas seja como fôr, a agonia começou.

ROMARIAS

Embora um tanto prejudicadas pelo máu tempo, tivéram logar as festas da Senhora da Saude, na Costa Nova e Senhora dos Navegantes, na Barra, podendo-se contar por milhares o numero de forasteiros que no sabado, domingo e segunda-feira visitaram as duas praias, servindo-se para isso de todos os meios de transporte quer maritimos quer terrestres.

Como o dia de segunda-feira se apresentasse de melhor catadura a afluencia de povo á Barra foi consideravelmente grande, querendo-nos parecer que poucas foram as familias de Aveiro que se deixaram ficar por cá, na pasmaceira, e não acompanhassem a tradição, escuando-se até á beiramar, complétamente alheiadas do pêso da cruz, que é esta vida, sobre tudo para aqueles que a tomam a sério.

Os donos dos carros e dos automoveis é que camparam com a colheita deste S. Miguel, talvez o maior do ano.

A bem da higiene

Queixam-se-nos de que exala um cheiro pestilento aquela fossa que se encontra ao lado do edificio da cadeia, havendo dias de duplicado fedor, incomodativo para os moradores proximos e pouco agradavel aos transeuntes que não contam com a pitada.

Se se podésse arranjar um meio de a substituir ou modificar, como isso sería para agradecer a bem da higiene pública e do credito da cidade!

Nomeação

Como de justiça, foi ultimamente nomeado agente do Banco de Portugal e colocado nesta cidade onde ha muitos anos faz serviço, o sr. Guilherme Augusto Pinto, que é tido como um empregado sabedor e de raras qualidades de trabalho.

CEBOLAS

Esteve muito abundante o mercado anual deste produto culinario realisado nos primeiros dias da semana, mas não obstante isso notou-se uma sensivel diferença no preço, para mais caro, que nos anos anteriores.

E' que nada diminue, *louvado seja Deus*... Por causa da guerra...

E devia ser o contrário...

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A Industria Portuguêsa

—=(*)=—

E' lamentavel que a industria nacional não tenha entre nós o acolhimento que deveria ter.

Mas, quem a despreza? Não são, decérto, creaturas que conheçam este ou aquele genero de industria.

E' *chic* entrar-se numa casa de modas e pedir-se um córte inglês como é *chic* pedir-se numa casa de louças um serviço de Sévres ou de Limoges. A proposito: conheço um facto passado com um dos proprietarios da importante fabrica de louças da Vista Alegre. Entrando esse cavalheiro numa casa de louças, no Porto, rua 31 de Janeiro, porque viu um serviço de louça lindamente disposto numa vitrine do estabelecimento e como não fosse conhecido pelo seu proprietario ou empregados, perguntou quanto custava o aludido serviço. Foi-lhe imediatamente dada resposta: *o serviço custa 90$000, mas é alemão.* E nesta palavra *alemão* o caixeiro encheu a bôca para lhe dar uma entoação mais afinada e para que ela soasse melhor ao ouvido do freguez animando-o a comprar um *autentico serviço alemão*. O cavalheiro referido agradeceu muito ao empregado o facto de ter marcado um serviço de louça da Vista Alegre pela elevada soma de 90$, lamentando, porém, ser necessário expatriar a autenticidade do seu fabríco para lhe dar aquele valor. Pediu ao empregado que nunca mais dissésse ser aquele serviço alemão mas que dissésse sim ser autentico português e fabricado na Vista Alegre, fabrica da qual era socio.

Calculem os leitores como ficou o pobre caixeiro perante a insinuação da autorisada creatura que tinha na sua frente.

Comigo aconteceu um facto identico. Comprei um dia á importante firma Guilherme Folhadela & C.ª, de Vila Nova de Famalicão, um córte de fato saído das maquinas da fabrica de Lanificios de Coimbra, Planas & Pousá. Custou-me esse cheviote 2$60 o metro. Querem saber porquanto era vendido o córte de 3 metros que estava exposto numa montra duma alfaiateria do Porto? Precisamente a mesma fazenda e comprada na mesma casa que me forneceu a minha, lá tinha um letreiro—*Córte inglês, pronto a vestir, 25$00!*

Querem saber quanto custou o meu fato depois de pronto?

Nem mais nem menos do que 14$. E porquê? Porque eu só uso tecidos nacionaes autenticos que me custam baratissimos á vista dos mesmos, mas com o nome *inglês*.

Não precisamos de ir ao estrangeiro comprar aquilo que temos cá mais barato e, sem duvida alguma, tão bom como lá.

São os proprietarios destas casas os culpados desta depreciação? Positivamente não são, mas sim o freguez que é ignorante, que não sabe o que quer e muito menos o que compra. E' a minha longa experiencia de comercio que me dá autoridade para as minhas afirmativas porquanto muitas vezes vendi ao freguez coisas bem diferentes do que ele desejava.

O verdadeiro culpado da falta de desenvolvimento da nossa industria é sómente o freguez que tem dinheiro e que quer comprar com o seu metal titulos falsos para tudo. Se compra um artigo caro é bom, mas se lhe fosse oferecido o mesmo artigo mais barato não prestava porque era barato e por isso ordinario.

Era bom que os nossos governos subissem as taxas da alfandega mais 400 ou 500 % e assim daria margem a que se gastasse cá sómente o que aqui se produz. Protecção á industria nacional para que o nosso dinheiro cá ficasse na sua maior parte.

Ha uns 7 para 8 anos um cavalheiro daqui perto mandou vir do estrangeiro 8.000 telhas para cobrir uma casa em construção. Dizia o homem que os materiaes aqui fabricados não lhe satisfaziam pelo seu péssimo acabamento e qualidade. O caso é que o homem tem dinheiro e é português e tanto basta para que não encontrasse nas importantes fabricas da Pampilhosa, Antonio de Almeida Costa & C.ª ou Mourão Teixeira Lopes & C.ª a qualidade de telha que desejava quando é cérto estas fabricas apresentarem produtos excelentes. Ha uns dias apareceu este *meio milhão* na fabrica Ceramica de Quintãs, da qual são proprietarios Duarte Tavares Lebre & C.ª para fazer a compra de uns 10 milheiros de telha, queixandose da sua triste sorte por ter mandado vir de França telha que se lhe desfez em cima do madeiramento só com 8 anos de existencia!

Foi recebido por aqueles senhores com toda a amabilidade e lá deixou á sua encomenda, pois não é facil naquela fabrica executar-se de pronto uma encomenda devido á grande exportação dos seus materiaes. O homem saíu encantado com a bôa côr, optima qualidade e fino acabamento dos materiaes daquela fabrica. Dando uma volta pelo interior da casa das maquinas verificou que nunca vira coisa mais aperfeiçoada tanto em maquinismos como em disciplina do seu pessoal. Despediu-se dos proprietarios com um afectuoso aperto de mão, dando-lhes os parabens pela optima montagem da sua fabrica e pela superior qualidade dos seus produtos. Lá seguia ele no comboio 3 para o norte e ainda o vi á janéla dum compartimento de primeira classe extasiado perante a grandeza do edificio que encobria tantos milhares de escudos em monstros de ferro colossaes e de onde nasce o pão de muita familia pobre que ali encontra trabalho.

Não vos iludis, pois, meus caros leitores, com os produtos estrangeiros se não quereis pagar mais caro os nacionaes, unicamente nascidos dos braços dos nossos operarios e que vós compraes por estrangeiros. A inteligencia e habilidade do nosso operario não é para desperdiçar. Auxiliemos mais a industria portuguêsa, dando-lhe o impulso proprio da nossa força. Auxiliando a industria portuguêsa levamos o pão ao pobre, que sómente vive do seu braço, engrandecemos o comercio e levantamos a nossa querida Patria. O nome de Portugal será proferido lá fóra com respeito, causando até admiração, como a Belgica, que tem hoje derruidas as suas importantes fabricas de onde vinha pão para matar a fome de tenras creancinhas. Foi tambem destruida na Belgica—Liége—uma importante fabrica de automoveis, propriedade de um português, que ali a foi montar com receio de a sua emprêsa não ter em Portugal o acolhimento desejado. Fornecia este português para cá automoveis e eram optimos porque a sua fabrica era em Liége e não em Lisboa ou Porto...

Vós, meus caros leitores, vêdes passar um esplendido *Double faeton* uma *Limousine* ou um *Landoulett* e direis: que lindo carro, que explendido carro! O que vós apreciaes desse carro não é precisamente o chassis que vem do estrangeiro. O que vós apreciaes é a carrosserie que foi construida em Lisboa ou no Porto pelo braço do nosso operario. E' raro hoje uma casa importadora de automoveis mandar vir a carrosserie pois é mais barata e mais resistente a construída nas nossas oficinas. Se já vos sentastes num bélo *tropedo* vistes quanta comodidade nos proporcionam as suas magnificas almofadas que são obra exclusivamente de operarios portuguêses. E vós direis que só no estrangeiro ha coisas tão confortaveis e tudo isso é nosso, exclusivamente nosso.

Auxiliai, pois, no que poderdes a industria portuguêsa e cumprireis sómente o dever de patriota que ama a sua Patria, desejando-a grande, soberba.

C. do Valado.

A. Leitão

Colhida pelo comboio

O *rapido* do Porto, que aqui passa cêrca das 10 horas, colheu na segunda-feira ao quilometro 273,817, uma creança, filha da guarda da passagem do nivel, Margarida Mota, que deu entrada no hospital bastante contusa.

Da ocorrencia foi levantado o respectivo auto.

Comunicados

...Sr. Director de *O Democrata*

Para quebrar os dentes da calunia a um miseravel passador de moeda falsa, que exerce a sua *industria* nas proximidades da estação do caminho de ferro, rogo a V. a fineza de publicar no seu conceituado jornal, o atestado que envio por copia. O original está em poder do sr. Director do *Campeão das Provincias*, onde será tambem publicado.

De V. etc.

Antonio Soares d'Albergaria

Atésto que o sr. Antonio Soares d'Albergaria entrou ao serviço do *Seculo* em Fevereiro de 1909 para o angariamento, nas provincias, de novas agencias e assinaturas, promover a propaganda de todas as publicações da emprêsa e inspecção das agencias existentes, tendo feito tambem uma viagem á America do Norte para o mesmo fim. Em todos estes serviços, que desempenhou até junho ultimo, demonstrou as melhores qualidades de trabalho, grande actividade e inteligencia, pelo que sempre lhe afirmei o meu apreço.

Lisboa, 2 de agosto de 1915.

J. J. da Silva Graça, L.da

O Sub-Gerente,

(a) **J. Silva Graça**

EM PROL DAS COLONIAS

—=(*)=—

Ainda a reorganisação do exercito Colonial

Estão quasi prestes a findar cinco anos em que, numa madrugada, a gloriosa madrugada de 5 de Outubro de 1910, um punhado de bravos, quando o sol, numa saudação á vida, despontava no horisonte, distante e infinito, derruiu um trono e expulsou um rei. Cinco anos de esperança como a florescencia perpetua duma perpetua primavera que nos faz esperar ancíosamente o dia propicio em que o nosso eden colonial mereça mais atenção aos politicos do que tem merecido, para seu engrandecimento. Ninguem lhe dirige uma palavra de piedade, ninguem lhe estende a mão fraterna, ninguem, ao menos, lança os seus caprichos para pôr termo a esses depravados costumes monarquicos que campeam nesse vasto territorio que tem servido de presa aos famintos vampiros que veem representando a ruina colonial ha muitos anos sem surgir uma alma de caridade que levante o seu brado, a sua voz para pôr termo á sua desventura!

Tolerar esse célebre decreto de 14 de Novembro de 1901, o decreto da Falperra de Manto e Corôa, o decreto do favoritismo, é esquecer os lêmas da Republica, é calcar a egualdade que deve existir entre oficiaes metropolitanos e oficiaes coloniaes nos seus vencimentos quando estes ultimos mais revelantes serviços teem prestado. Senão, para o quê, ponhâmos os olhos nesse capitão colonial, Neutel de Abreu, que é só, a ele e não a mais ninguem que se deve a ocupação e a pacificação do distrito de Moçambique muito embora outros tenham creado nome á sua custa. E' um cumulo, esquecer os lêmas da Republica, tolerar semelhante decreto!

Ao som da ingenua badalada campestre, da badalada de paz, ao raiar o proximo dia 5 de Outubro, urge, como dever nosso, dirigirmo-nos, em romagem patriotica, a prostrar sobre o tumulo daqueles que verteram o seu sangue rubro e generoso para libertar a Patria dos prejuizos da historia, e clamêmos: O' almas independentes! Atendei-nos na nossa patriotica dôr e dizei-nos se dôr maior póde haver daqueles que procuram vêr nascer a prosperidade de uma Patria onde nós soltâmos os primeiros vagidos e que vós fizéste ressurgir!

Não póde haver, não, porque mão cruel de tristes realidades politicas, minada de ruins paixões, proteje os vampiros que sonham com revoluções de lama e lôdo em seu abono e tem sido a causadora de ainda não estar posta em execução a reorganisação do exercito colonial, empanando a razão sem se importar dos que clamam para que as nossas colonias tenham um exercito genuinamente seu em beneficio dos interesses do Estado. A nossa voz tem de ser ouvida e por isso continuêmos a bradar:

Viva a reorganisação do exercito colonial!

Abaixo o decreto da Falperra de Manto e Corôa!

Padre Mestre

Declaração

Manuel Diniz Ferreira, do logar de S. Bernardo, distrito de Aveiro, declara para os devidos efeitos que se não responsabilisa por qualquer divida que sua esposa d'ora ávante contraia.

S. Bernardo, 20 de Setembro de 1915.

CORRESPONDENCIAS

Pinhão,

O. de Azemeis, 25

Mais um nunca esquecido amigo, mais um assinante de *O Democrata* que a morte acaba de roubar, envolvendo num véu de tristeza, num véu de profundo desgosto aqueles que jámais se esquecem dos bons, dos justos, dos verdadeiros caratéres.

E' ele o meu chorado amigo Augusto Ferreira da Costa que pereceu na flôr da edade e que saudosamente hoje deploro.

Mal emaginariamos, ele e eu,

quando em Junho de 1914 aqui esteve e no seu regresso a Lisboa, onde faleceu, que sería o ultimo adeus, o ultimo abraço fraternal aquele em que nos estreitámos!

Acompanho, por um dever que ma assiste, no mesmo pranto, na mesma dôr, seus extremosos paes, Manuel Ferreira da Costa e Ana da Costa, bem como seus irmãos e sua esposa, enviando-lhes os meus pêsames por tão triste e insuportavel golpe que acabam de sofrer.

José Antonio de Oliveira Ferreira

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte . . . . . 2$50
Avulso $02

Anuncios

Por linha . . . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.